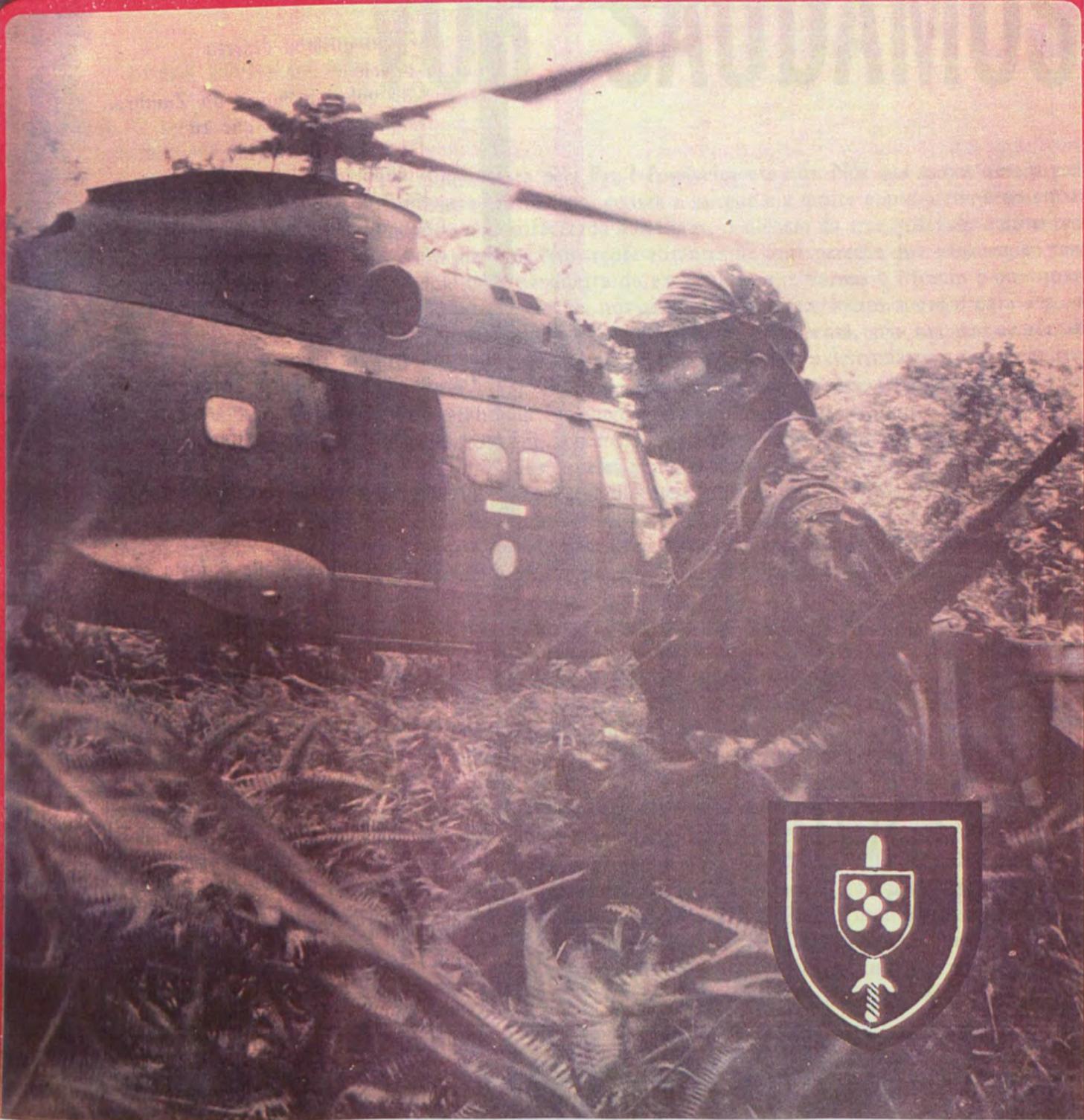
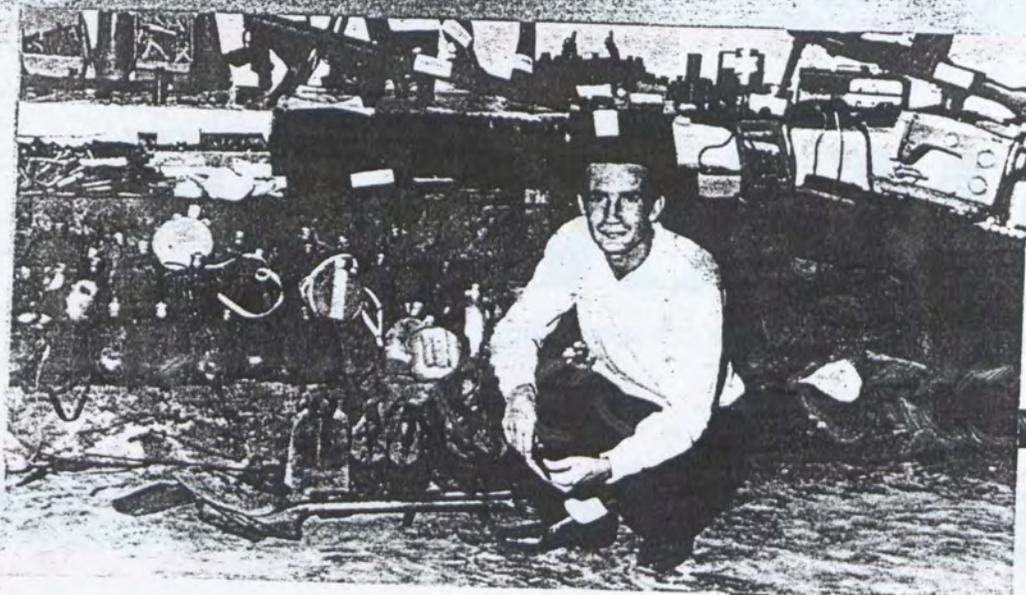


COMANDOS

Director: ANTÓNIO CORREIA DINIS (Coronel de Inf.ª «COMANDO») — ANO I — JUNHO 1973 — N.º 3





REQUIEM POR RUI AGOSTINHO

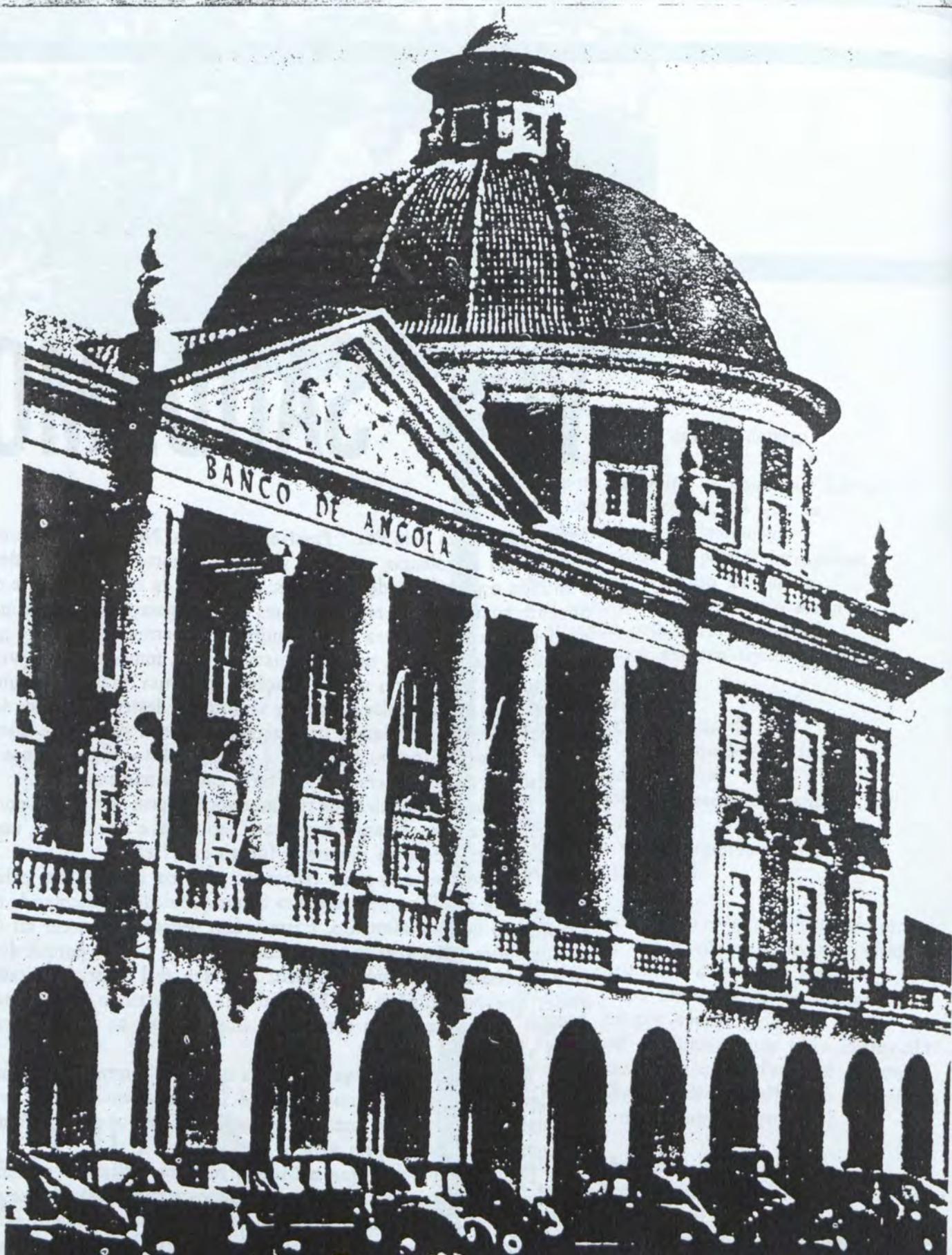
O quissange
Que achei no quimbo deserto
Quando o vejo
Traz-me de volta as noites do Zambeze
As noites friorentas em que tu
à chama baça da lamparina
ias dedilhando as paletas ferrugentas
em surdina, no caso da cabaça
e o queixume plangente do metal
escorrendo pelo zinco do telhado
enchia a casa em seu timbre magoado.

Rui, pobre amigo
quando assim te recordo
sinto que algo se quebra cá dentro
e faço esforço enorme
para conservar a pose indiferente
para não chorar
(sim, não me envergonho de o dizer:
para não chorar!)

Nobre companheiro — que o foste sempre
não sei em que ponto do Universo pairas agora
não sei para onde a granada maldita
mandou a tua alma doente de ideais
(doente, porque amaste pela vida fora
a tua Terra — Morena, esta terra abençoada
amaste-a extremamente, talvez até demais
ofertando-lhe primeiro o melhor do teu esforço
e, por fim, o teu sangue generoso).

Rui, Rui Agostinho
se eu soubesse a tua nova morada no Universo
eu pediria ao Sol, ao Raio, ao Vento
que te levasse o meu quissange ferrugento
o quissange das noites frias do Zambeze
para que o dedilhasses em sossego
eternamente
no caco, vazio, infinito do espaço ...

Homenagem de Marçõs Vilalva
in «Missangas Poéticas»



BANCO DE ANGOLA

um simbolo de progresso

Eça de Queirós

O AUTOR DE PROSAS BÁRBARAS

• In Enciclopédia "ABRIL"



Eça de Queirós, o maior representante do Realismo no romance português.

José Maria Eça de Queirós, um dos maiores escritores portugueses, nasceu em Póvoa do Varzim a 25 de novembro de 1845. Filho ilegítimo, passou os primeiros anos com a madrinha e depois em internatos. Só aos dez anos de idade conheceu os pais, então já casados. Essa circunstância é significativa em sua vida e obra, pois coloca o próprio escritor como personagem de romance e explica o minucioso cuidado na preparação do quadro familiar onde se agitam suas personagens.

Em outubro de 1861 vai para Coimbra estudar direito; nos anos de faculdade lê indiscriminadamente Vitor Hugo, Shakespeare, Rousseau e Voltaire. Em 1865 conhece Antero de Quental* (1842-1891), através dele, inicia-se no pensamento de Hegel*, Comte*, Proudhon* e Renan*. Com a partida de Antero, liga-se a João da Penha (1839-1919), Guerra Junqueiro* (1850-1923) e Gonçalves Crespo (1846-1883). Esse contato despertou sua vocação literária.

Formado, parte para Lisboa em 1866 e começa a escrever artigos (*Prosas Marginais*) para a *Gazeta de Portugal*, reunidos postumamente no livro *Prosas Bárbaras*. Aos 22 anos, funda em Évora um jornal de oposição ao governo, provocando espanto e reação na província. Dedicou-se a esse trabalho durante oito meses, mas a mesquinhez provinciana o asfixiava. De volta a Lisboa, recomeça sua colaboração na *Gazeta*, expondo suas idéias com maior sarcasmo, enfatizado com a políptico. Sob o pseudônimo de Carlos Fradique Mendes — "o poeta satânico" — surge, em 29 de setembro de 1869, a *Revolução de Setembro*. Nesse mesmo ano vai com o conde de Rezende assistir à inauguração do canal de Suez. Conhece o Egito, a Síria e a Palestina. Essa viagem é narrada em *O Egito*, publicado em 1926. No regresso, liga-se a Ramalho Ortigão* e, com Antero de Quental e Oliveira Martins, colabora no jornal *A República*.

Segundo seus biógrafos, a amizade com Ramalho Ortigão foi o estímulo que o salvou da "esterilidade especulativa". Juntos, escrevem alternadamente o *Mistério da Estrada de Sintra*, espécie de romance

policial, publicado em folhetins pelo *Diário de Notícias*, em 1870.

Nomeado para a administração do conselho de Leiria, Eça parte mais uma vez para a província. É ali que vai delinear o romance *O Crime do Padre Amaro*, publicado em 1875 (um ano após seu regresso de Havana, onde estivera desde 1872 ocupando o cargo de cônsul). A ousadia do tema desorienta os críticos.

Em 1874 é nomeado cônsul em New Castle-on-Tyne. Longe de Lis-

boa, adquire nova visão da sociedade portuguesa: ao invés de sentir-se exasperado, demonstra serena ironia. E com *O Primo Basílio* (1878) ataca as falsas bases da moralidade lisboeta. É nesse romance que aparece a inesquecível figura do conselheiro Acácio, expressão de um academismo vazio, que só na caricatura encontra sua imagem.

Em fins de 1877, talvez sob influência de Balzac*, Eça resolve elaborar doze romances, aos quais chama inicialmente de *Cenas da Vida Portuguesa*. Desses, os únicos que realizou foram *A Capital* (publicado somente em 1925) e *Os Maias* (1888). Nesse mesmo ano, pressionado por problemas financeiros, passa a escrever para a *Gazeta de*

Notícias do Rio de Janeiro. Nessas colaborações, sob o título de *Cartas de Inglaterra*, relata o movimento científico, literário, artístico, político e social de Londres.

Entre a publicação de *O Primo Basílio* e a de *Os Maias* decorrem dez perturbados anos na vida do escritor, então vacilante entre a literatura de observação e a literatura de imaginação. *A Capital* é obra característica desse período.

Na obra de Eça de Queirós há uma evolução nítida, onde é possível discriminar três fases. A primeira é assinalada pelas *Prosas Marginais*, onde se misturam influências recebidas de Vitor Hugo, Baudelaire* e Heine*. A segunda, desde a feitura de *O Crime do Padre Amaro* até *Os Maias*, em que se volta contra o lirismo tradicional das "pequenas sensibilidades, pequenamente contadas por pequeninas vozes". É uma fase marcada pela crítica proudhoniana às instituições burguesas e à sociedade portuguesa em particular, cujos aspectos considerados típicos são tratados em cada uma das obras dessa época: em *O Crime do Padre Amaro*, a influência do clero na burguesia provinciana; em *O Primo Basílio*, a família burguesa de Lisboa, o adultério feminino e certos tipos como o conselheiro Acácio e Basílio, um dom juaque que enriquece no Brasil; em *A Capital*, a corrupção dos meios literários lisboetas; em *Os Maias*, a alta burguesia, a aristocracia rural e certos meios culturais.

A terceira fase do escritor inicia-se em 1889, quando, casado com a irmã do conde de Rezende, vai para Paris como vice-cônsul. É uma fase ambígua em que escreve *Correspondência de Fradique Mendes*, *A Ilustre Casa de Ramires* e *A Cidade e as Serras*. Todos os problemas do herói são simplificados pela situação financeira, que lhe permite usufruir das vantagens da vida rural sem a contrapartida real do trabalho e das privações da vida no campo. Mas em suas colaborações a jornais portugueses e brasileiros, Eça de Queirós apresenta nessa época uma lúcida visão política e social de seu tempo.

Em 1899, quando cantou em *A Cidade e as Serras* as belezas da vida rural, queixou-se a um amigo das torturas pelas quais passara numa aldeia francesa, desprovida de recursos, onde fôra passar as férias. Já nessa ocasião estava tuberculoso. No verão de 1900 falece em sua casa em Neuilly, perto de Paris.



Em 1880, Bordalo Pinheiro concluiu um dos mais famosos retratos de Eça.

TERMINOU MAIS UM CURSO DE COMANDOS

Terminou mais um Curso de Comandos. O «soma e segue» do trabalho deste Centro deu forma à 2042.ª e 2043.ª Companhias de Comandos. Que podemos acrescentar em palavras a esta cerimónia em que «se consagra não só o termo de uma aprendizagem, mas muito especialmente se enaltece a grandeza da vontade e da determinação»? Pois parece-nos que mais nada que não sejam os votos de boa sorte àqueles a quem espera a dura e difícil missão de defender Angola integrados nas nossas fileiras.

A cerimónia do encerra-



mento do 26.º Curso de Comandos decorreu com a simplicidade que tanto caracteriza a nossa tropa e teve em Sua Excelência o Comandante Chefe das Forças Armadas o convidado de honra. Antes da imposição de «Crachats», o Exm.º Comandante do CIC proferiu um discurso em que, a linhas tantas, dizia:

«COMANDOS»:

A vivência do ideal «COMANDO» não é susceptível de concretização contra vontade e o acto primeiro de um «COMANDO» ba-

seja-se na afirmação voluntária de querer sê-lo, pois só o é, aquele que expressamente assim o deseja.

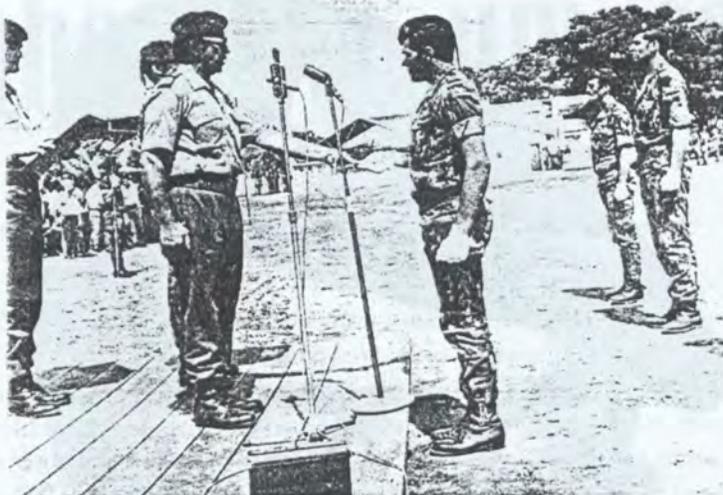
Termina hoje uma aprendizagem que vos moldou nas gentes e nas atitudes e que é simultaneamente origem de um QUERER, prova de uma FÉ e testemunho de uma DETERMINAÇÃO.

Foram estas as razões que aqui nos trouxeram, são estas as razões que daqui vos continuarão.

O caminho de sacrifícios, esforços e renúncias que acabásteis de percorrer até ao dia de hoje, simboliza bem o vosso QUERER.

A insígnia que ireis receber e que no vosso peito terá o reflexo do vosso orgulho, não representa de modo algum o fim desejado ou atingido, mas representa sim, o início da vossa maioridade como militares e como «COMANDOS» e onde, em esforço sobre esforço, em risco após risco, com total abnegação tereis de mostrar, em público testemunho, o valor de uma vontade, o potencial de uma Força e a Força de uma DETERMINAÇÃO.

É pois na certeza do vosso QUERER que vos entregaremos a insígnia que



a nós vos irmana e que, estamos certos zelosamente usareis e com honra a sabereis dignificar.

Mas atendei:

Atendei que essa insígnia só terá significado no vosso peito, só pode ser símbolo de um comportamento, quando esse comportamento existir em todas e quaisquer circunstâncias.

«O QUERER SER COMANDO» é, para além de tudo uma afirmação de comportamento, um desejo permanente das difíceis condições que lhe estão implícitas uma constante e um exemplo na forma de viver, de sentir, de cusar

para ganhar, sem olhar a riscos, a canseiras ou a sacrifícios.



É isto que verdadeiramente define um «COMANDO», o engrandece e o dignifica.

E se assim em vós acontecer e a vossa formação o irá confirmar, tereis então dentro do vosso peito fundamento válido e raiz bastante, para sobre ele usar, com absoluto direito e mérito próprio a insígnia que de agora em diante vos irá distinguir.

«COMANDOS»:

É solene, na simplicidade das coisas realmente grandes o momento que viveis.

Olhai a Bandeira que nos acolhe e à qual, juntos, oferecemos ao longo do Cur-



so, o dia a dia do nosso trabalho, das nossas renúncias e dos nossos sacrifícios.

E ao olhá-la, vê-se nela, os símbolos sagrados que nos transcendem, origem e força da nossa FÉ, rumo e guia seguro dos árduos, mas gloriosos caminhos que tereis de percorrer.

E ao segui-los, seguireis os fundamentos duma razão de existir como militares, coerentes com a vontade que vos acompanhou.

E nada mais resta ao vosso Comandante, senão em seu nome e em nome de quantos aqui trabalham, pedir a Deus que seja para vós «COMANDOS», amparo seguro de todas as horas.



Carta aberta a um camarada

ANTÓNIO MANUEL PEREIRA NEVES, FURRIEL MILICIANO COMANDO, do 18.º Curso, Operacional neste CIC, sofreu um acidente na instrução de armadilhas por, com zelo exemplar, ter impedido que os Instruendos se aproximassem de uma granada que não havia explodido, e ao tentar fazê-lo, ficou mutilado de ambas as mãos, e completamente cego. Encontra-se em adaptação a esta nova situação em Lisboa.

O acidente, por amargo capricho do destino, teve lugar na antevéspera do seu casamento que se viria a consumir mesmo assim no HML.

CARO NEVES:

Não pretendia tornar violenta a obrigação moral de te escrever. Todavia, não consigo descortinar meios que me impeçam de falar de ti próprio. Não simplesmente como teu amigo, mas também e principalmente como responsável pela realização mensal deste jornal, num abraço fraterno de todos os Comandos que aqui te continuam.

O que me falta em espírito, sobra-me em vontade de criar nestas páginas a mensagem certa para ti que, numa situação ingrata, deves tentar viver o que a força espiritual ainda te permite. Parece-me despropositado perguntar-te como vais, como são as trevas e o que fazes sem mãos. Mas não deixa de ser pertinente, embora eu não tenha em consciência a dimensão da tua situação psicológica, lembrar-te que não é por se ter olhos que se vê a vida, nem por ter mãos que se sentem as coisas. Responsabilizo-me em reiterar-te uma inteligência viva, uma vontade amadurecida e o preciosismo de uma presença de espírito constante. E acredito que para ti próprio não morreste. Estou em crer e faço quase com uma certeza algébrica, que, hoje, passados os difíceis momentos de adaptação a uma meia incapacidade física, já buscaste no quotidiano razões bastantes para rasgares um sorriso franco e aberto, quicá uma expressão de luz nos olhos apagados, uma força qualificável nos tendões dos braços que tudo construirão, como outrora, as mãos brilhantemente hábeis de que fazias gala. Não vale a pena mentir-nos. Enfrentemos a realidade tal como ela se nos apresenta e repudieemos vivamente a história de que os heróis se servem mortos. Tu, o nosso Neves do 18.º Curso de Comandos, não pareceste. Se quer ficaste perdido para a vida. Tão pouco se foram de ti os verdadeiros atributos que tanto te distinguiram e qualificaram como homem, como combatente, como um dos nossos melhores Camaradas, e digo-te dos melhores porque nunca conheci maus companheiros.

O Centro para onde viemos em 5 de Maio de 1970, continua quase na mesma. Formam-se homens para defender a terra. Contam-se êxitos. Segue-se, enfim, a tradição honrosa dos Comandos de que farás sem-

pre parte. Começou o 27.º Curso, e a última Companhia de Comandos formada é já a 43.ª Temos este jornal e realizámos já o I Ralhye dos Comandos, uma prova que pretendemos tornar tradicional.

A «malta» do nosso curso está prestes a passar à «peluda». O tempo que falta é tão pouco que ainda nos pomos a pensar se os três anos e meio da tropa já estão a terminar. Embora tenha custado, a verdade é que já se foram mais três anos e meio da nossa vida. Ainda me lembro de quando tudo eram rosas na recruta. À noite, todos nós de botas e armas fazíamos o render da parada na caserna. E hoje tudo isso são águas passadas, recordações que me impelem também a escrever-te. Mas vê Neves, como a vida é. Tu que tantas vezes gabaste o brilhantismo da camaradagem dos Furriéis do nosso curso, repara quanta impotência é a nossa, para através da minha pessoa ao pôr em letra de forma uma simples missiva, te expressarmos o que realmente pretendemos. Não apenas um abraço, mas a vontade de te voltarmos a ver como eras. E aqui falo por mim, do meu egoísmo. Pergunto-me muitas vezes, se a medicina tal técnica abarcasce, seria eu capaz de dar-te um dos meus olhos ou uma das minhas mãos. Está longo a coragem de responder afirmativamente e quase gostaria que nunca fossem precisas, sinal vivo de que a técnica teria descoberto a forma de fazer voltar a brilhar uma luz nos teus olhos. Oxalá que sim, que Deus te proteja.

Soubemos por, não sei quem, que tens sido valente para evitar as contrariedades que se te deparam. E se por ti pouco mais podemos fazer que cultivar a pobreza de comunicar contigo, fica-nos a doce alegria que não desmereças a confiança que sempre depositámos na tua determinação, na tua forma diferente de estar no Mundo. Por isso te saudamos e esperamos saber-te de volta para te abraçar. De todos os Comandos que seguem firmes o propósito que a esta casa de trouxe, mais do que saudade, vai um forte e merecido MAMA-SUMÊ. De mim Neves, simplesmente um obrigado pela tua abnegação, pela coragem do teu exemplo.

TELLES MENDES.



automóveis de aluguer
sem condutor

TELEFONES :

Largo D. Fernando, 1-2 ■ 22722/3-23312

Caixa Postal, 680 ■ LUANDA - Angola

CATONHO TONHO COMERCIAL, S.A.R.L.
ARMAZENISTAS
IMPORTAÇÃO EXPORTAÇÃO

Completo sortido de mercadorias nacionais e estrangeiras

Caixa Postal, 119
Telefone 2 32 34
Telegramas:
CATONHOTONHO

Rua Direita de Luanda, 34-36
LUANDA - ANGOLA

LOUCOS AINDA HÁ

Era uma vez... um advogado que ousou atacar a firma mais importante e a mais poderosa do Mundo: a General Motors. — Chamava-se Ralph Nader.

Tinha começado por uma campanha contra o D. D. T., enquanto estudava direito na Universidade de Princeton. Tendo reparado que este insecticida, usado pelos jardineiros da Universidade, não só matava os insectos, mas também os pássaros, pensou que o produto podia ser nocivo igualmente para os homens. Empreendeu então uma campanha contra o D. D. T., e só conseguiu ser considerado imbecil. Em 1965 desferiu o grande golpe, publicando um livro intitulado «Unsafe at any speed» («Perigoso a qualquer velocidade»), no qual explicava que os construtores de automóveis perigosos para a segurança dos condutores e passageiros! Como exemplo apresentou o «Corvaire» cujo slogan publicitário era: «O melhor que a General Motors fez para si». «O melhor para os candidatos ao suicídio», contrapôs Ralph Nader no seu livro. E provava a afirmação!

E eis que o livro bateu rapidamente todos os records de tiragem durante vários meses. O autor torna-se célebre do dia para a noite; mas, continuando a considerá-lo como louco, pela simples razão de que é preciso ter-se perdido a razão para ousar atacar a General Motors, (empresa cujo orçamento geral é igual ao da França!).

Em alguns meses, as vendas do «Corvaire» baixaram de 93 por cento. A G. M., é obrigada, assim, a retirar o modelo do mercado. Os «homens de negócios» de Detroit decidem então destruir Nader. Ao estilo americano, um antigo detective, do F. B. I., Vincent Gillen, é encarregado de fazer um inquérito sobre a sua vida privada.

Algumas «moças» têm por missão seduzir Nader para o comprometer. É um verdadeiro romance policial... que acaba num completo insucesso: a vida de Nader é um desafio à sociedade de consumo. Celibatário, vive só num pequeno estúdio, alimenta-se não se sabe como, não tem carro, nem telefone, não convive com ninguém... É a sua fraqueza que faz a sua força!

Mas, entretanto o advogado não ficou inactivo. De acordo com a lei americana, uma comissão de investigação senatorial tem o poder de interrogar não importa quem, frente às câmaras de televisão. Nader conseguiu convencer um senador do Connecticut, Abraham Ribicoff. Este pediu ao Director-Geral da General Motors que viesse de frente publicamente com Nader. Diante de toda a América, atenta ao debate desenrolado no pequeno écran, estava a mais completa derrota para o grande senhor da mais poderosa empresa mundial! Este é obrigado a apresentar desculpas ao advogado e, para evitar um processo perdido de início, oferece-lhe, a título de perdas e danos, uma soma de 425 000 dólares (13 000 000\$00).

Eis Nader rico e famoso, encabeçando uma cruzada para a defesa do consumidor. A sua acção vai dirigir-se contra todos aqueles que, proclamando a sua adesão aos grandes princípios de respeito da concorrência e da livre empresa, os violam com indiferença, na prática, em prejuízo do consumidor e sem con-

sideração pela sua saúde. Estuda separadamente todos os sectores de actividades: depois do automóvel é a aviação, depois a indústria química, a indústria alimentar, a administração...

O público apaixonado se participa nas campanhas empreendidas. São feitas análises a alimentos, denuncia os produtos nocivos que eles contêm e falsificações químicas que impossibilitam ao comprador julgar sobre a sua frescura.

Prevê que a luta contra a poluição vai ser o grande trabalho de momento. Existem leis, mas não são aplicadas. Não heita em acusar a administração de corrupção, dirigindo-se directamente ao público americano.

Passam até os políticos a pedir a opinião, antes de redigir um projecto de lei. Poderosos industriais financiam a sua or-

ganização, mesmo que trabalhe contra eles. É o caso de Gordon Sherman, que dirige a Midas International Corp., fabricante de tubos de escape, que sustenta as pesquisas virando a proibição de motores de explosão... (calculando sem dúvida que é melhor ser o primeiro a saber, no caso desta campanha ser bem sucedida).

De todos os lados começam a chegar estímulos e contribuições; as inúmeras provas de simpatia fortalecem a sua convicção de que conseguirá vencer todos os obstáculos e livrar o consumidor daqueles que o oprimem e enganam.

Nasceu assim um novo espírito que alastra pelo mundo: «Naderismo», expresso pelas inúmeras associações de consumidores criadas depois de Nader. Formam-se comandos: os «Nader's raiders», equipados de 10 a 15 jovens que

se encarregam de averiguar onde o interesse público está ameaçado. Todos os jornais, estações de rádio e de televisão consagram ao «Naderismo» colunas inteiras e frequentes emissões.

Mais eficientes, que outros raias grupos semelhantes, os «naderistas» foram os primeiros a dar importância ao fenómeno de consumo, preferindo defender a massa dos consumidores, do que favorecer os interesses particulares dos grandes «trusts». Talvez não seja deste Mundo a recompensa pelos trabalhos, cansaças, desilusões e perseguições a que estão sujeitos. Talvez no outro mundo só! Como escreveu Gandhi: «a verdade triunfa do erro, o amor triunfa do ódio, Deus triunfa eternamente do Diabo...»

IN «CONTESTE»

com nova fórmula

**VEJA
NO MANÔMETRO
DO ÔLEO
A GRANDE DIFERENÇA
DO NOVO
Mobiloil super**



Com o prego a fundo durante 200 Kms. uma oíhadela ao manômetro... Perfeito! Com o novo MOBILLOIL SUPER acabaram-se as baixas de pressão. A sua viscosidade e o seu poder lubrificante mantêm-se adaptadas a todos os esforços, mesmo prolongados. Tachô e biqueira a 5.000 r.p.m. numa estrada de montanha. O óleo MOBILLOIL SUPER opõe ao desgaste a sua excepcional resistência. MOBILLOIL SUPER é o óleo dos esforços repetidos.

O novo MOBILLOIL SUPER é garantia de máxima protecção em todas as condições de condução. Com o seu aditivo especial aumentador do índice de viscosidade (VI Improver), é produzido para as condições particulares de condução em Angola, dando ao seu automóvel, a máxima protecção. MOBILLOIL SUPER excede todas as recomendações dos fabricantes de automóveis. Use MOBILLOIL SUPER na próxima vez e veja pelo manómetro a sua diferença.

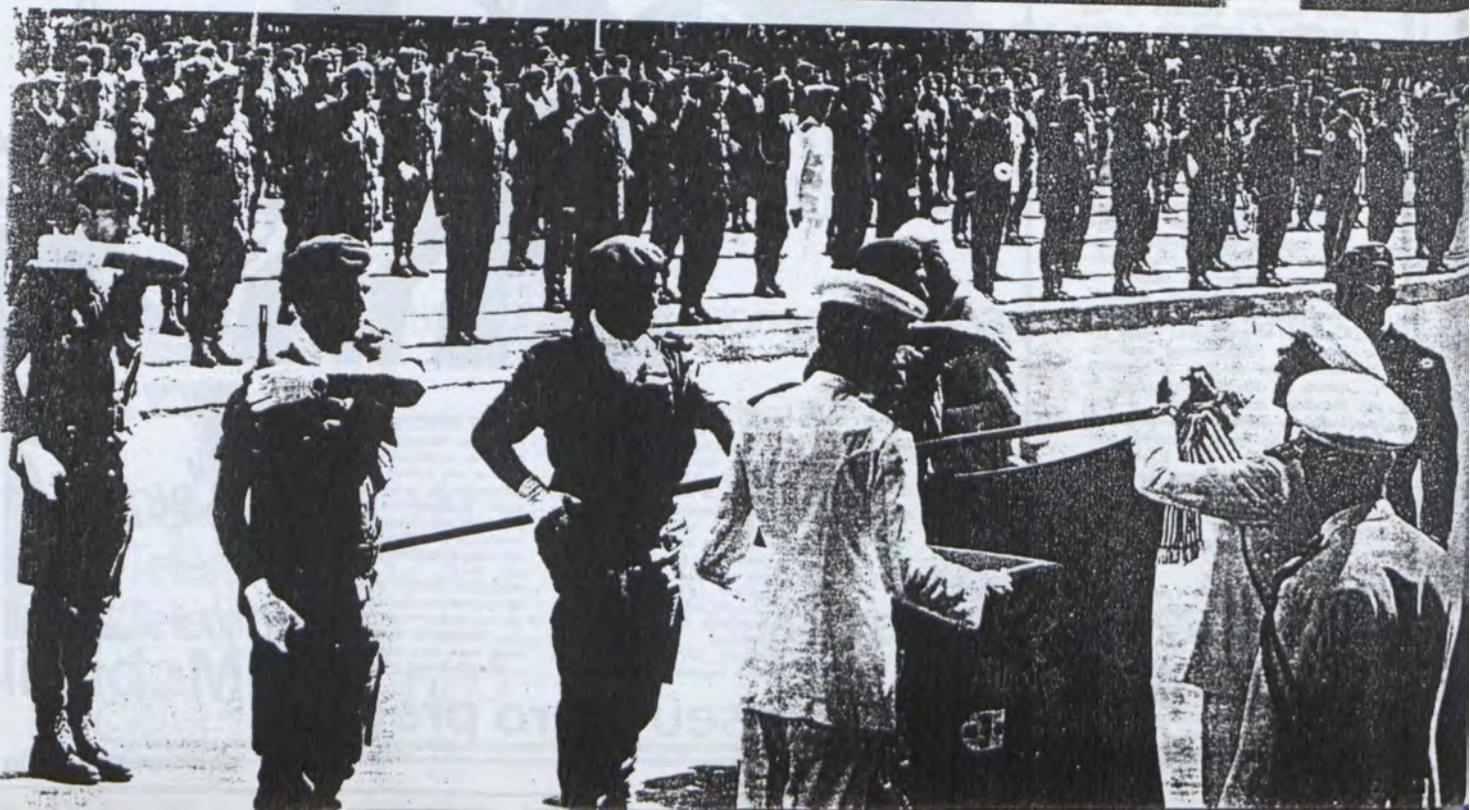


**Mobiloil
super**
com nova fórmula

o seu carro precisa

10 DE JUNHO

NOSSOS HIER



OS AÍ ESTÃO!

Transcorreu mais um 10 DE JUNHO. Habitados que estamos aos factos de guerra em toda a sua dimensão, não nos transcende um pouco sequer tamanha cerimónia com que a NAÇÃO brinda quem por ela se bate. O aparato está justificado pela galhardia dos que em campo de batalha não se poupam para cumprir o dever difícil de trazer Paz aos povos. Neste último 10 DE JUNHO, a «Ditosa Pátria que tais filhos teve» reuniu-se nas principais Capitais para publicamente estender-lhes a mão e afirmar-lhes o seu agradecimento. Da parada de Luanda, apresentamos algumas fotografias e, permitimo-nos fazer referência especial, por imagem, de todos os COMANDOS condecorados e do Batalhão de Caçadores Pára-quedistas 21 agraciado com a Medalha de Valor Militar, a quem cumprimentamos plenos de satisfação pela distinção conferida. A todos os militares condecorados, «COMANDOS» endereça igualmente uma saudação cordial.



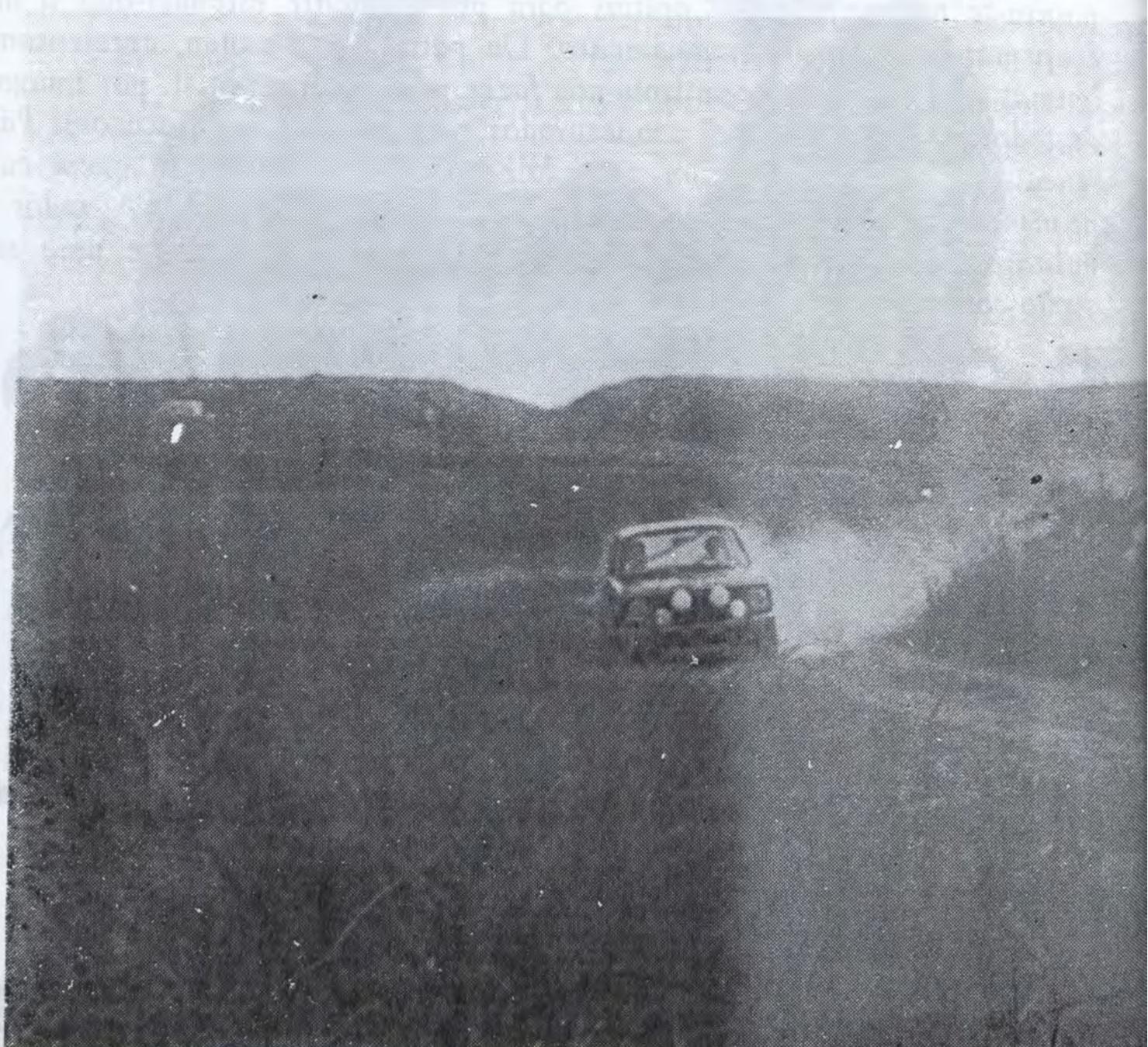
I RALLYE DOS

«Claro que ainda a prova não está inscrita em qualquer campeonato de Rallyes a nível internacional mas se pará lá não caminhará, é porque os objectivos não o justificam. Tal foi a força imprimida pela organização que, inclusivé, trouxe às pistas escolhidas a brilhante condução do 1.º Sargento Serafim Bernardo, num Simca Aronde, modelo mil novecentos e trinta e poucos...

Mas que foi um dia agradável, diferente, acelerativo, isso

ninguém o poderá negar. 28 concorrentes à partida, dois carros encostados ao estaleiro, taças para quase todos, medalhas para a totalidade falam bem do êxito de uma prova realizada sem outras pretensões que não fôssem as de juntar no C. militares de outras Unidades e Comandos na disponibilidade numa confraternização saudável com estes «simpáticos» fítriões.

A ideia, essa fica a dever-se ao Capitão Mourato Nunes



COMANDOS

A organização também. Mas a realização técnica, essa pertence ao Pr. Mabilio de Albuquerque, Alferes Médico cá da casa. Esse nome não nos é muito estranho em automobilismo. Talvez daí ter-se verificado um brilhante na parte técnica onde até as décimas de segundo foram criteriosamente contadas!...

Nos últimos dias, era um vê-se-te-avias para arranjar taças. Não fosse a simpatia com que algumas firmas cujo nome indicamos algures nesta reportagem, acolheram a nossa inicia-



tiva, e teríamos de dar outros prémios: Convites para frequentarem o próximo curso de Comandos. Mas como é tradição nesta casa, tudo se consegue. E lá vieram as taças e as medalhas e os mecos para a prova de maneabilidade que a Polícia não emprestou e os cronómetros que o ATCA cedeu gentilmente e os favores da Autodel, uma mini-organização de automobilismo comparada à nossa (é claro). E quando o grande dia chegou, cá estávamos nós para receber quem viesse.

Tudo começou com uma prova de maneabilidade no «anel de velocidade» do Centro. Houve quem lhe chamasse o auto-comandódromo. Não havia assistência de decos figurinhas de saias em grande número. Mas duas senhoras audazes participaram da corrida. Uma chegou ao fim e a outra não, por uma questão de ética: só havia taça para uma! Mas continuando. A prova de maneabilidade decorreu bem por entre os mecos e sacos de areia que o Capitão Algés Aires teimava em atropelar. Os melhores tempos pertenceram a Jorge Pego, «ilustre» 1.º Cabo Mil.º da A.P., que tripulou um B.M.W. preparado pela Autocal e ao Alferes Silva e Cunha. Pêquêpê, outro nome conhecido do automobilismo angolano, Furriel do BIA, veio em Capri 2600 GT. Porque demasiado comprido o carro não brilharia. Guardaria a sua oportunidade na picada. Marciano



FAZENDA CUERAMA SARL

Pecuária

Caixa Postal, 1378. LUANDA



AGÊNCIA DE VIAGENS UNIÃO

União Imobiliária e Comercial S.A.R.L.

Unimol

(FUNDADA 1933)

EXCURSÕES INTERNACIONAIS DE TURISMO • EXCURSÕES EM ANGOLA EM CARROS E AUTOCARROS PRIVATIVOS, CARROS DE ALUGUER SEM CONDUTOR • CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO. SEGUROS, SAFARIS FOTOGRÁFICOS DE CACA E PESCA

AV. PAULO DIAS DE NOVAIS, 33 - P. O. BOX / C. P. 6534 - TELEG. «UNIMOB» - TELEFONE: 72131-72467-72352 - TELEX-3174 UNIMOB-AN - LUANDA-ANGOLA



DE



PARA TODO O



DE TODO O



PARA



ANGOLA - ALGUNS ASPECTOS

ETNOSSOCIOLOGICOS

DAS SUAS POPULAÇÕES

- OS AXILUANDA -

(II)

Cap. Ovídio Rodrigues

— Depois de uma visão muito superficial dos axiluanda, veremos hoje com algum pormenor, alguns aspectos da vida deste povo.

Julgo serem as cerimónias rituais, costumes e crenças dum povo, os assuntos que maior curiosidade



despertam. Assim procurarei num estudo muito resumido, dar uma ideia das cerimónias que rodeiam os principais acontecimentos da vida dos Axiluanda, e que distinguem este grupo étnico.

O NASCIMENTO

O nascimento dum muxiluanda, é um grande acontecimento entre os axiluanda.

A partir do quarto mês de gravidez, as relações sexuais entre o casal ficam interditas.

Na altura do parto a parturiente é ajudada por duas anciãs, uma que serve de parteira e uma auxiliar.

A parturiente é sentada num rodilho de pano grosso. Depois levanta os braços e agarra-se ao cachaço da parteira e afasta as pernas. A parteira ajuda as dilatações do sexo, enquanto a auxiliar, colocada por detrás, exerce pressão sobre os rins e ventre da parturiente, como se estivesse a praticar massagens para obrigar a criança a encaminhar-se para a saída.

Logo que a criança nasce, a parteira coloca os lábios na boca e nariz da criança, para chupar as mucosas que obstruem a entrada do ar, cuspidas em seguida. A criança tem o seu primeiro choro.

Depois, enche a boca de água e berrifa com ela o moleirinha da criança para lhe fortalecer a cabeça.

O cordão umbilical é solidamente amarrado por uma tira de pano, sendo depois cortado. A parte que continua aqarrada ao bebé é enrolada, sobre o qual é colocada uma moeda antiga de cinquenta centavos e então o ventre da criança é solidamente amarrado com faixa de pano.

As secundinas são enterradas no quintal num buraco onde despeiam várias qualidades de bebida.

A mãe ficará oito a nove dias na casa onde nasceu a criança, sendo tratada durante esse período, bem como o marido, pela família deste.

Normalmente é colocado ao pescoço da criança um colar feito de miçanga colorida com a seguinte disposição: três brancas, três vermelhas e três pretas. Usa-se em homenagem à Deusa NVUNJI. É também usado como sinal de prosperidade.

Podemos observá-lo na maior parte das crianças e até em adultos do litoral de Luanda.

O CASAMENTO

Embora maior parte dos rituais que rodeiam o casamento estejam hoje fora de uso, o mesmo procedia-se da seguinte forma.

Como cerimónia pré-nupcial, as jovens são submetidas a um tratamento, para prepará-las magicamente e assim o casamento ser circundado dos melhores auspícios.

O Kimbanda chamará várias entidades espirituais, para que estas num trabalho de conjunto, consigam que a união conjugal que se vai proceder seja perfeita.

Depois desta cerimónia de consulta, o Kimbanda faz o Kufumba, prática para o qual precisa de um prato novo. Toma então uma agulha nova e uma faca também nova. Com a agulha, faz umas cruces sobre o sexo e a faca passa-a também sobre o sexo da rapariga. Findo este ritual põe-se a «meza», utilizando-se uma toalha nova e sobre ela colocam-se vinhos caros e boas iguarias, em agradecimento às entidades sobrenaturais.

O pretendente de uma Muxiluanda terá que pagar o lembamento (dote).

Envia para isso dois emissários (um homem e uma mulher) de preferência velhos, aos pais da noiva. Estes fazem-se acompanhar de algum dinheiro, um ou dois garrafões de vinho, uma peça de pano e um quimono para o lembamento.

Obtido o consentimento, a noiva antes de ir viver com o futuro marido, deveria ser submetida ao teste da virgindade; a noiva acompanhada de duas Axiluanda idosas dirige-se a casa de uma especialista. Ali, chegada, a noiva afasta-se para o canto da habitação e deita-se num luando onde aguarda. A especialista aproxima-se levantando-lhe as roupas com uma das mãos e com a outra munida com ovo de galo velho (1) efectua a sua introdução na vagina da jovem. Se o ovo não avançar mais do que o previsto, a rapariga está apta a contrair matrimónio. Se pelo contrário, penetrar profundamente ela é vaiada por toda a população.



O COMAN

e audaz

Se a Muxiluanda passar neste exame pode amigar e as Axiluanda que assistiram a estranho ritual, vão acompanhá-la a nova morada, pela calada noite, onde o noivo aguarda pacientemente...

Após a noite de núpcias, as Axiluanda vão a casa dos cônjuges saber novidades. Se tudo correu bem a noiva abre as janelas e as portas e entrega o lençol manchado de sangue onde o casamento se consumou. O noivo oferece uma garrafa de vinho fino ainda fechada que representa a virgindade, e algum dinheiro.

Se por acaso a prova de virgindade foi tapeada, o noivo depois de constatar ausência de virgindade, suporta a noiva e é este que abre as janelas e as portas mesmo sem a presença das emissárias, para que todos viam sem que tinha sido logrado. A noiva depois de passar por este vexame, era recambiada para a família que obrigada a devolver ao noivo tudo o que anteriormente tinha recebido.

A MORTE

Ao morrer um Muxiluanda, procede-se segundo tradição, a uma cerimónia ritual de aparência festiva aos olhos dos estranhos, que poderá durar cerca de um mês ou mais, consoante as possibilidades económicas da família do falecido.

Após o falecimento dum Muxiluanda, a Viúva não abandona o leito conjugal, permanecendo aí três ou quatro dias, tempo este que se chama «enviuvar». O quarto conjugal fica completamente fechado e as janelas e as portas são cobertos de panos pretos. A cama de igual modo bem como os panos que a viúva veste. Durante este período, não se pode lavar, não pode estender a mão a pessoas casadas, não recebe homens no seu quarto, nem pode falar com eles. Se alguma pessoa amiga deseja contactar com ela, baterá com os nós dos dedos na parede exterior e de dentro ela corresponderá de igual modo. Se necessitar de satisfação para fazer alguma necessidade fisiológica, faz-se acompanhar por uma viúva, seguindo esta à frente. Depois deste período de recolhimento, esta acompanhada por uma amiga que já tenha estado viúva, vai banhar-se ao mar. Depois deste banho, a viúva veste-se com todos os panos de luto. A partir deste momento ela poderá sair, fazer a sua vida, falar com homens, mas não pode apertar-lhes a mão.

O luto finaliza no décimo segundo mês, ao fim do qual ela é livre de decidir se deve ou não casar novamente.

NOTA FINAL — O presente trabalho é baseado nas seguintes obras consultadas:

- SUBSÍDIO ETNOGRÁFICO DO POVO DA ILHA DE LUANDA de Ana de Sousa Santos — In «Estudos etnográficos» — edição — do Instituto de Investigação Científica de Angola.
- OS AXILUANDA — Carlos Alberto Lopes Cardoso — edição — «o livro de Angola».
- A maioria dos assuntos focados são transcrições textuais das referidas obras, donde foram extraídos os aspectos mais interessantes.

(1) É corrente entre os nativos que o galo depois de atingir a idade semil põe um ovo de tamanho reduzido.



BANCO COMERCIAL DE ANGOLA

o banco da passada larga.

Somos efectivamente
um Banco de passada larga.
De passada firme.



BCA

trabalhamos no presente á escala do futuro



A figura de Henry Ford personaliza uma visão romântica do empresário.

Em 16 de junho de 1903 foi constituída nos Estados Unidos uma firma que contava apenas com um capital de 28 500 dólares e 125 empregados. Quatro meses depois, dessa empresa nascia para a vida norte-americana uma personagem muito importante: o automóvel Ford, modelo T (que no Brasil ficaria conhecido como "Ford Bigode"). No outono de 1962, a mesma indústria tinha cerca de 317 000 funcionários e seu ativo era de 6 bilhões de dólares, dos quais começou a gastar 59 milhões em um novo projeto. Foram necessários dois anos para que viesse à luz um descendente evolutivíssimo do Ford T: o Mustang.

Mecânico de Idéias

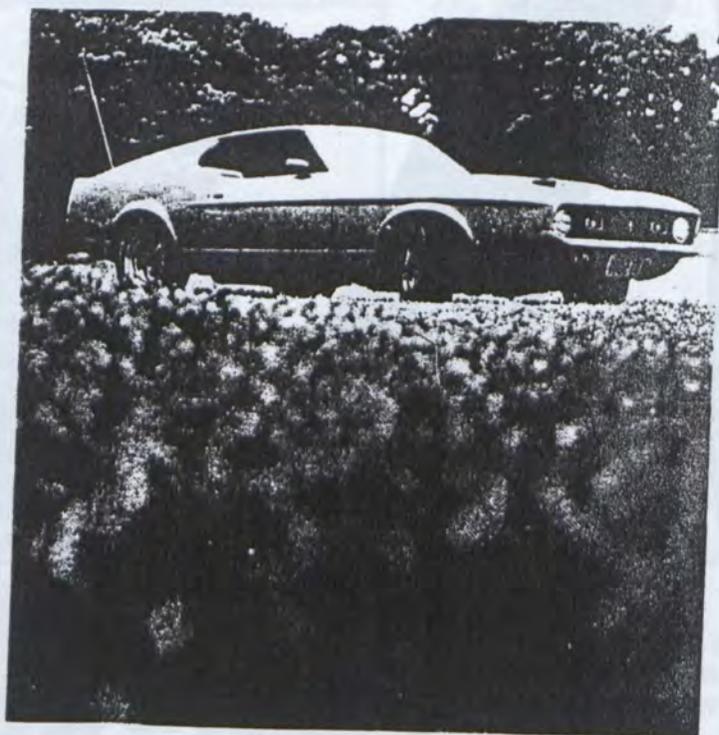
Atrás de tudo isso esteve um homem que, paradoxalmente, construiu um império e quase o destruiu. Conservador e progressista, pródigo e parcimonioso, arrojado e prudente, autoritário e democrático, sua vida contraditória vale menos pelos aspectos pessoais do que por espelhar tôdas as contradições do desenvolvimento histórico da indústria moderna, desde a fase "romântica" do começo do século XX até a atual complexidade tecnológica, de estrutura e de organização.

Henry Ford nasceu numa fazenda em Dearborn, Michigan, em 30 de julho de 1863, numa família de ascendência irlandesa. O pai queria que ele fosse agricultor, mas o garoto Henry não queria saber disso e fugiu de casa aos dezesseis anos de idade. Foi concretizar em Detroit seu sonho: queria ser mecânico.

Trabalhou em várias oficinas, até conseguir reunir algum dinheiro, a fim de estabelecer-se por conta própria, montando uma fábrica de ar-

dos a vapor, com o que pensava ganhar uma fortuna em pouco tempo.

Mas os arados não foram vendidos; e Henry voltou à condição de modesto mecânico, trabalhando à noite na usina elétrica da Edson Illuminating Co. Nesse meio tempo, já tinha casa-



A longa transição entre os modelos T e Mustang (acima) coincide com toda uma reestruturação administrativa do império que Ford iniciou.

COMO OS CA

do e foi um custo convencer a mulher, Clara, de que, mesmo ganhando pouco, valia a pena trabalhar na Edson, pois poderia adquirir conhecimentos sobre eletricidade. E esses dados eram essenciais aos estudos de um motor a gasolina, que há muito tempo planejava construir.

Nos dois anos seguintes, viveu empolgado pelo tal motor e, vencendo terríveis obstáculos, arranjou dinheiro para o empreendimento. Por fim, instalou-se numa pequena oficina nos subúrbios da cidade e começou a fabricação de um quadriciclo. Embora rudimentar, o veículo consumia pouca gasolina, desenvolvia velocidade razoável e era barato (200 dólares).

O "Ford Bigode" e um império

Até então, o automóvel era artigo de luxo, esporte da moda entre pessoas muito ricas. Ford mudou esse quadro: foi o primeiro fabricante a tentar conquistar o mercado popular e o fez de maneira muito simples.

Na época, sua filosofia industrial pareceu extremamente "herética":

consistia em reduzir o preço, incrementar o volume de vendas e melhorar a eficiência do produto.

Conseguiu provar, assim, que o sistema de produção em série e a baixo custo dava muito lucro. Seus concorrentes logo começaram a trilhar o mesmo caminho.

Quando a Chrysler e a General Motors ameaçaram-lhe o domínio do mercado, Henry acelerou ainda mais a produção, eliminou os intermediários, adquiriu florestas, minas de ferro e carvão, ferrovias e até uma frota de navios.

A crise e o modelo A

Paradoxalmente, contudo, quanto mais crescia o gigantesco complexo industrial que criara, sob direção férrea e audaciosa, tanto mais opunha-se à sua transformação numa empresa moderna. Em meados da década de 1920, o modelo T estava perdendo a popularidade. Ele tinha sido concebido para as péssimas estradas de antes da Primeira Guerra Mundial e por isso era durável e resistente, mas sem preocupações com boa aparência e conforto. Agora as estradas eram melhores e os compradores estavam dispostos a pagar mais por um carro que fosse também luxuoso.

As piadas começavam a aparecer: "Um Ford é como uma banheira: é útil mas ninguém quer ser visto dentro dela". Os cargos de chefia de sua empresa estavam ocupados por homens servis, que ele mantinha porque seu espírito patriarcal não admitia vozes discordantes.

Apenas o filho Edsel e alguns poucos gerentes de vendas ousavam dizer-lhe que o modelo T devia ser abandonado. Mas só as cifras assustadoras conseguiram convencê-lo. Foi lançado assim o modelo A, em 1927. O novo carro tinha freio nas quatro rodas, limpador de pára-brisas e podia ser escolhido em cores diferentes — o que era espantoso, pois fora o próprio Ford que dissera pouco tempo antes: "Os compradores podem escolher qualquer cor, desde que seja o preto".

O triunfo da nova Indústria

Apesar de vencido pelos argumentos de Edsel, Henry recusava-se a aprender bem a lição que o novo Estado Industrial lhe ensinara e uma nova crise se iniciaria na década de 30. Envelhecido e autocrático, tornou-se cada vez mais ressentido com a organização, sem a qual sua companhia não podia ser operada. Absteve-se de admitir empregados com

NASCERAM CARROS «FORD»

•Reportagem da Enciclopédia "ABRIL"•

conhecimentos técnicos especializados em administração. Não queria saber de pessoal formado em universidade e demitia todos aqueles que, por ascensão hierárquica, pareciam arregar-se responsabilidades.

Para a companhia, o resultado foi um verdadeiro desastre. Os carros eram antiquados e excêntricos e a publicidade foi proibida. Durante os anos da Segunda* Guerra Mundial, o desempenho da empresa era tão deficiente que a encampação pelo governo foi discutida. Chegou-se a propor mesmo outra alternativa: que a

direção passasse para a Studebaker.

Em matéria de política trabalhista as contradições de Ford não foram menores. Em 1914, quando o salário médio do operário norte-americano era de 11 dólares semanais, anunciou que os da Ford deveriam ganhar no mínimo 5 dólares por dia. Em 1941, depois de opor-se por quase meio século a toda e qualquer espécie de sindicato, surpreendeu os líderes trabalhistas fazendo-lhes concessões que eles nem tinham pedido: aumento maior de salários e desconto em folha das mensalidades do sindicato. Atrás disso estava a Senhora Ford,

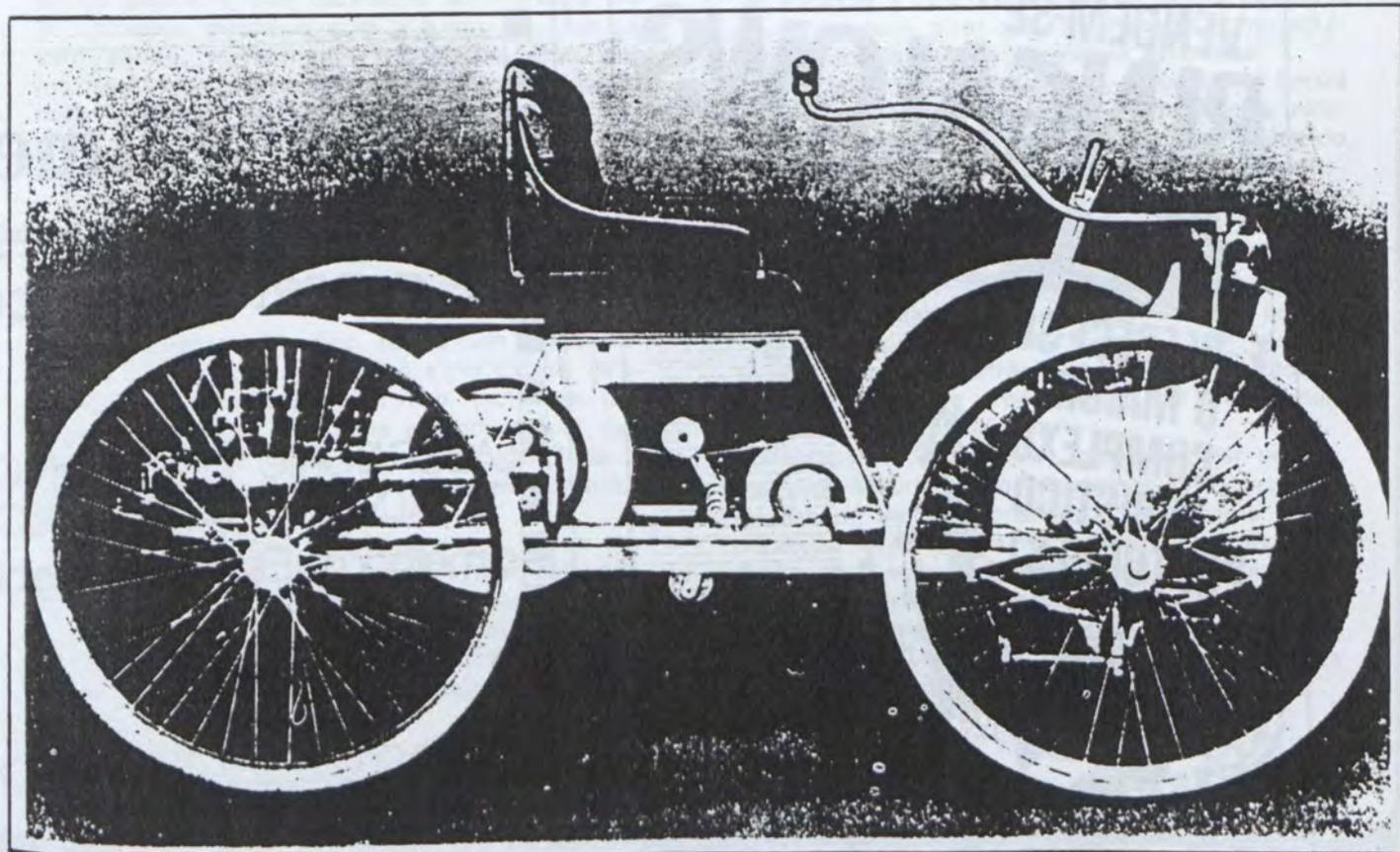
que tinha ameaçado separar-se caso Henry não fizesse as pazes com a entidade sindical.

Senhor de tão vasto poder, não poderia deixar de participar da vida pública. Moveu violentas campanhas contra os judeus, financiando um jornal especialista em artigos anti-semitas (mas depois repudiou tudo, publicamente).

Fretou um navio para percorrer as capitais das grandes potências, a fim de apelar no sentido de que os soldados fôssem retirados das trinchei-

ras, durante o Natal. Não obstante, colaborou no esforço de guerra, sendo um dos maiores produtores de armamentos. Candidato a senador, foi derrotado.

A maior derrota, contudo, aconteceu dentro do próprio império que tinha construído. Ao morrer (em 7 de abril de 1947, com 83 anos de idade, em Dearborn), foi substituído pelo filho, Henry Ford II, que imediatamente contratou o técnico Ernest Breech com a incumbência de renovar as estruturas administrativas da Ford Motor Company. Era o triunfo da empresa moderna.



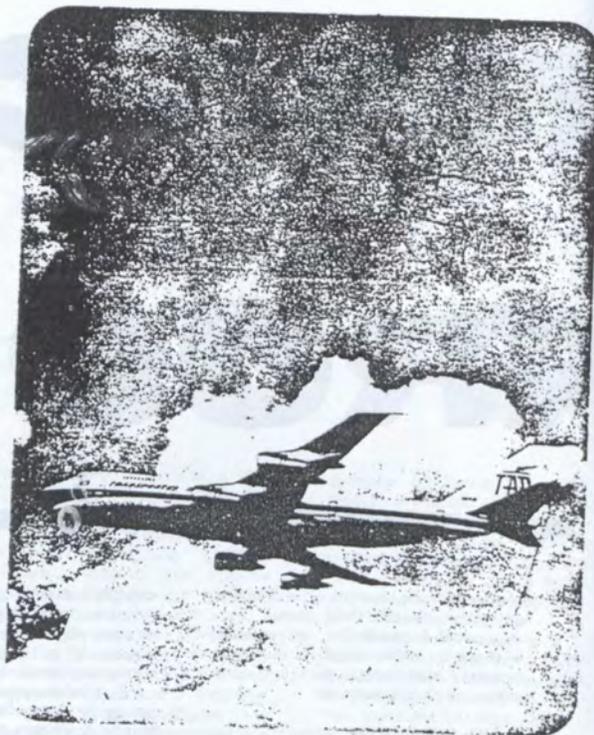
Em 1893, o jovem Henry Ford inventou um quadriciclo movido a gasolina. Suas rodas eram de borracha maciça.

AGÊNCIA DE VIAGENS

CAMPIÃO

Avenida dos Combatentes, 114

Telefone 23048 - LUANDA



VENDEM-SE BUNGALOWS

compre e pague em 4 anos



E 'OFERECE-SE'
O MAIOR
COMPLEXO
TURÍSTICO
PORTUGUÊS!



O complexo turístico de habitação independente de Luanda, compreendendo áreas de habitação e recreação, encontra-se em desenvolvimento. Centro Desportivo - Centro Comercial - Centro Residencial.

CENTRO DESPORTIVO
Atualmente, está sendo criado para receber a seleção nacional. Para os visitantes, haverá instalações para jogos, ginásio, quadras, piscinas e recreação.

CENTRO COMERCIAL
Além de lojas e restaurantes, o centro terá 40 lojas, com especialização em bens essenciais e artigos de primeira necessidade. Centro de Restauração, Bar, Casa de Café, Casa de Biscoitos, Biscoitos, Centro de recreação e recreação e recreação. Centro de recreação e recreação.

CENTRO RESIDENCIAL
Com 1000 unidades de habitação independente, o centro de habitação independente de Luanda, compreendendo áreas de habitação e recreação, encontra-se em desenvolvimento. Centro Desportivo - Centro Comercial - Centro Residencial.

CONTACTE
22119
AUTODEL
R. da Independência, 97, 4º e 5º - Luanda

Foto Filme

Fotografia a cores
e a preto e branco

LABORATÓRIO ELECTRÓNICO
TOTALMENTE AUTOMÁTICO
o melhor do Estado de Angola

Caixa Postal, 2.146 - LUANDA

RAPOSÃO

Mauricio



MAURICIO DE SOUZA

Maurício de Souza, um dos mais populares artesãos da moderna (desde 59) banda desenhada brasileira, bem conhecido em Portugal pelo simpático mensário com a turma de Mônica, vem sendo, ultimamente, festejado como dos maiores expoentes no resultado mundial da narração figurativa — constituindo ponto bem expressivo a sua unânime consagração nos festivais de Lucca.

Do muito que sugere a sua obra, já proeminentemente, aqui deixo algumas flutuantes impressões, possivelmente uma entrada essencial para a consideração intensa e necessária de seu legado generoso:

Tecnicamente, Maurício revela um traço seguro e significativo, que alia à simplicidade (elaborada) um alto apuro estilístico, convido, por exemplo, compará-lo à linha estandardizada das equipas de Walt Disney — para realçar toda a puiança desalienada e fresca da arte do autor que analisamos.

Do ponto de vista sugestivo o que cativa em suas estórias é a explosividade (harmonizada) dos apelos, que vai desde a re-criação de tipos populares (nunca, no entanto, tão obsessiva como em Pererê, de Ziraldo) à improvisação fortemente simbolista sobre o fantástico interplanetário.

Temos ainda o recurso ao irracional e ao hu-

môr cauterizante, ingredientes preconizados com tencão irrefreada, cuja amplitude, por conseguinte, encanta a uma vasta área de leitura potencial — o mesmo é dizer que tanto jovens como adultos de sua laboração aprendem estímulos.

Etnicamente, a produção de Maurício de Souza é de riqueza impressionável, normalmente referida a personagens caracterizantes, avultando numa galeria de heróis (bem definida) praticamente inesgotável (mais de 50), e de muito saborosa carga temperamental.

— Como acentua Moacyr Cirne (lição genérica de A Linguagem dos Quadrinhos), nos intuitos de Maurício existe com assiduidade uma ponderação crítica de raiz social e económica, mas não já uma intensa penetração de natureza ideológica ou política, o que proporciona uma maior internacionalidade ao seu teor.

Finalmente — idem — muito peculiar no trabalho de Maurício, é o assomo às correntes mais íntimas do homem, onde problemas como a sua condição e condução no mundo são enquadrados numa simplicidade alertável e inquietante, entre a luxúria surreal dos roteiros ou da figuração plástica de intervenientes — numa enorme proposta de valores e categorias praticamente inéditos aos predicados da banda desenhada.

JOSE DE MATOS-CRUZ



31: Companhia de Comandos, ADEUS!

E partiram, deixando para trás uma página de êxitos na honrosa história dos Comandos!

Terminou a sua comissão a 31.ª Companhia de Comandos, em 27 de Junho de 1973. Constituída por elementos do recrutamento da Metrópole e de Angola, a 31.ª C. C. foi formada por elementos instruídos no 21.º Curso de Comandos. Recebeu de Sua Excelência o 2.º Comandante da Região Militar de Angola, Brigadeiro Pereira da Conceição, o guião da Companhia, o Capitão de Inf.ª «Comando» Fernando Lobato Faria, seu 1.º Comandante. Ferido, mais tarde, em combate durante uma operação na ZML, o Cap. Lobato Faria viria a ser substituído no seu posto pelo Cap. Pulguinhas.

A 31.ª C. C. tendo desenvolvido

actividade operacional no Norte e Leste de Angola, realizou as seguintes operações: Açucena Linda, Primeira, Zoga-h; Vasculhar-3 M; Trazer; Turbilhão-2H; Pressão-0-IH; Resgate-IH; Pressão-0-2 H; Marfim-RH; Clarear-IH; Expurgar-XH; Pressão-3 QH; Clarão-41; Átilia-IH; Pressão-5 QH; Átila-2H; Persistir; Farol; Rojão-IH-1.ª, 2.ª e 3.ª fases; Toma-I; Clava-D; Rubi-ZIH; Punhal-D-IH; e e Cerrar-D-IH.

A 31.ª C. C. era constituída por cinco grupos de combate: 1.º grupo «ÁTILA» comandado pelo Alferes Miguel; 2.º grupo «CUCUCHA» comandado pelo Alferes Roque Pinho; 3.º grupo «TAGUS» comandado pelo Alferes Mateus; 4.º grupo «ALGARVIO» comandado pelo Alferes Cardoso; 5.º gru-

po «CERTÓRIO» comandado pelo Alferes Almeida.

Durante a sua actividade operacional, a 31.ª C. C. conseguiu os seguintes resultados:

MORTOS AO IN	40
FERIDOS	28
ARMAS CAPTURADAS	40
GRANADAS, IDEM	41
MINAS, IDEM	14
MUNIÇÕES, IDEM	6000
CARREGADORES, IDEM	58
ACAMPAMENTOS DESTRUÍDOS (C/ 2000 Cubatas)	50

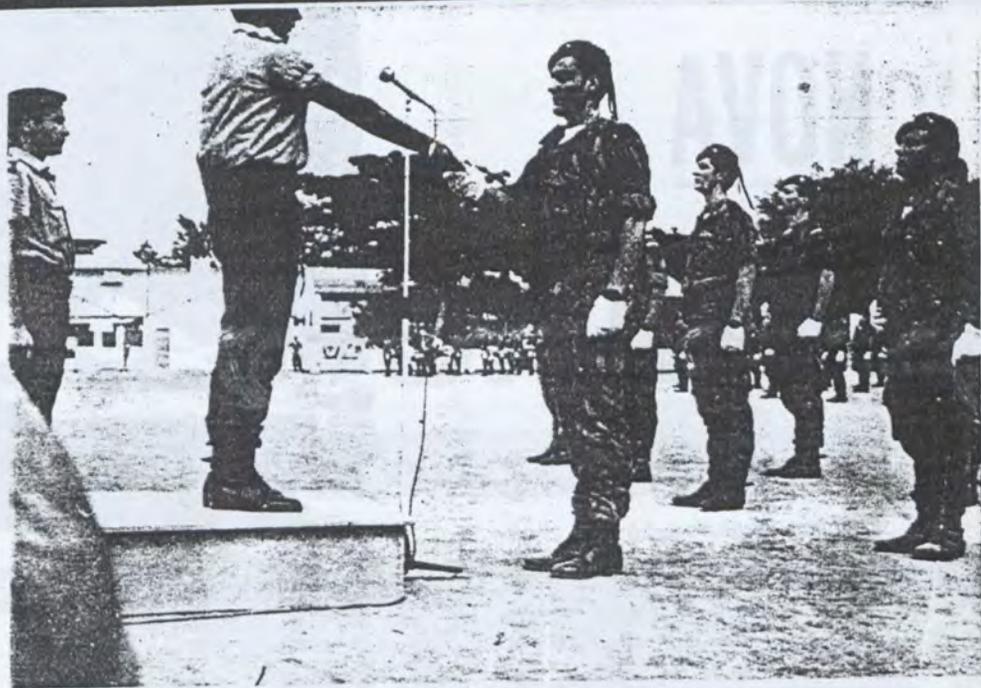
Em combate a 31.ª C. C. sofreu quatro mortos e trinta feridos. Em acidentes diversos, sofreu um morto e dezasseis feridos.

Durante a sua comissão de serviço, foram punidos trinta e uma Praças, três Furrriéis e um 2.º Sargento Miliciano. Foram alvos de condecorações e louvores trinta e seis elementos da mesma, sendo de distinguir a «CRUZ DE GUERRA DE 1.º CLASSE» com que foi agraciado o Capitão «COMANDO» Lobato de Faria.

A 31.ª C. C. recebeu referências elogiosas, pelo seu trabalho operacional do Comandante do Sector do Moxico; do Comandante do Sector da Lunda; do Comandante do CIC; do Comandante do Batalhão de Caçadores 3841; do Comandante do Sector do Bié; e do Comandante da Zona Militar Leste, cujo louvor transcrevemos a seguir:

«Louvo a 31.ª CCMDS., porque ao longo da sua permanência na ZMLESTE, inicialmente durante cerca de sete meses, e, posteriormente, durante cerca de quatro meses, actuando sempre como FINT do Cmd da ZMLESTE, se afirmou uma subunidade bem preparada e mentalizada, coesa e disciplinada e dotada de elevada capacidade para o combate e agressividade, honrando as tradições já criadas pelas CCMDS na ZMLESTE.

Constituída por pessoal aguerrido e animado do mais firme propósito de bem cumprir, comandada por um oficial de alta craveira técnica



como combatente e condutor de homens, a 31.ª C. C. suportando com estoica abnegação e notável espírito de missão em ritmo de actividade operacional intensamente desgastante, infligiu severas perdas ao inimigo, procurando-o nos seus locais de refúgio, atacando-o e perseguindo-o sem hesitação, qualquer que fosse o seu número e por mais organizadas que fossem as suas posições de defesa, sempre com pleno êxito. Atesta-o o elevado número de baixas que produziu ao inimigo, em mortos, feridos e aprisionados, o número de armas, quer individuais quer colectivas, que capturou, além de muito outro material e artigos diversos, e os acampamentos e

meios de vida que destruiu, praticamente sem ter sofrido baixas graves.

Salientam-se os resultados das Operações «TURBILHÃO - 2H», «PRESSÃO/IH», «EXPURGAR/ /XH», «ROJÃO/IH», e «ROJÃO/ /IH» (2.ª Fase), em todas elas cumprindo com muito brilho as missões de que foi incumbida, por forma a merecer os mais rasgados elogios e a confirmar, inteiramente, a confiança que o Cmtd da ZMLESTE e os CMDTS dessas e doutras Operações nela depositaram.

A esmaltar a história da 31.ª CCMDS destaca-se, de entre outros feitos valorosos de Oficiais, Sargentos e Praças da Companhia, a heroica e destemida actuação do seu Cmtd, Cap. LOBATO DE FARIA, na Op. «EXPURGAR/XH», onde sofreu ferimentos de demorada cura, actuação essa distinguida com uma das mais altas condecorações nacionais.

Ao Comando da ZMLESTE é muito grato dar público testemunho do elevado apreço reconhecimento e admiração que a 31.ª CCMDS conquistou por mérito próprio, mercê de abnegação e brilhante acção nesta parcela do território nacional onde prestou serviços de inestimável valor para o Estado de Angola e para a Nação Portuguesa, prestigiando o Exército».



NOVA LISBOA

Numa organização do Clube Automóvel do Huambo Táki-Tálá, realizaram-se nos dias 9 e 10, provas de motos e automóveis de todos os grupos integradas no Pequeno Circuito do Huambo, sobre as quais passamos a comentar.

INICIADOS GRUPO 1

Passadas que foram já quatro provas do calendário de velocidade, os Iniciados-73, começam a fazer reviver os bons espectáculos dos seus antecessores.

Com a desistência prematura de Pamiés Teixeira à 5.ª volta por avaria nos travões do Capri, Neca Couceiro que conduziu o novo três litros, passou a ocupar-se unicamente do Camaro - Cuca de Dico que apesar da óptima impressão deixada, não conseguiu manter a 1.ª posição talvez um pouco devido à inexperiência, ou talvez também porque num circuito tão curto como este a potência real dos cavalos não se mostra demasiado importante.

Prova bem disputada, vencida pela maior experiência e agressividade de Neca Couceiro, que estreou assim da melhor maneira o Capri 3 litros.

CONSAGRADOS GRUPO 1

Expectativa à partida para o duelo que se esperava entre o Camaro de Pêquêpê e os novos 3 litros da Capri. A Opel com o novo Ascona tinha também uma palavra a dizer se chássemos o tempo realizado nos treinos por Fernando Lamas.

Pêquêpê saiu à frente, conservando-se aí de certo modo à vontade até o carro deixar de render o seu normal obrigando-o mesmo a visitar as boxes, vendo assim escapar-se-lhe a vitória, que acabaria por pertencer ao Opel de Lamas, a andar desde o início da prova com tal gar-



ra e determinação que até mereceu bem o primeiro lugar.

CONSAGRADOS GRUPOS I a IV

Iniciamente com três carros tops, Lola, Lotus-62 e Ford GT-40, o prato

forte da tarde adivinhava-se recheado de competição. No entanto a ausência do Lo'a T-212 do Dr. Mabius de Albuquerque, forçada pela falta de rapport adequado para o circuito viria não só tirar grande parte do interesse à prova como ainda dar



PE CIA

Fotos Equ

PEQUENO CIRCUITO DO HUAMBO

possibilidade de encontrar o vencedor logo desde o início. Não fosse Waldemar Teixeira ter falhado o arranque e a corrida ganharia concerteza em emotividade.

Nos grupos II, os três B. M. W. SH deram a animação que deles se esperava.

O 2002 de Zé Maria segundo o chefe da assistência, não podia render tanto quanto os outros, pois utilizava um rapport longo ficando desde o início bastante distanciado. Raul Esperto com andamento idêntico ao de Pêgo a princípio, viria a decrescer gradualmente para terminar a 24 segundos de Jorge Pêgo que man-



tendo um ritmo forte e regular logrou alcançar a 3.ª posição depois de efectuar uma prova perfeita.

Assim com Marta, Waldemar, Pêgo e Esperto no comando quase desde o início correram-se as quarenta e cinco voltas deste sinuoso e Pequeno Circuito do Huambo.

Uma vez mais gente dos «COMANDOS» volta a estar em evidência, no automobilismo angolano.

A par de Mabílio de Albuquerque, Alf. Médico do CIC, Jorge Pêgo da Acção Psicológica desta Unidade, faz as honras da casa. Nas provas de Nova Lisboa, brilhou com um 3.º lugar, sendo o 1.º do grupo 11. Gente com sangue na guelra, afinal, é o que os «COMANDOS» têm mostrado ao mundo.

CASA AFRICANA

MERCEARIA, VINHOS E CEREAIS

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO
REPRESENTAÇÕES
ESPECIALIDADE EM MERCEARIA FINA

A. J. França, Sucessores, Lda.

ARMAZÉNS DE MERCEARIA

Rua Direita de Luanda, 13-15-15 A
Rua Pereira Forjaz, 57 e 63

Caixa Postal, 369
Telef. 22299 — Teleg.: RUTRA

LUANDA

SOLAR DOS FADISTAS

RESTAURANTE TÍPICO
Fado em ambiente castiço

ESMERADO SERVIÇO
DE RESTAURANTE

Estrada da Conduta (junto aos restau-
rantes "MÃE PRETA" e "ESCONDIDINHO")

A. PIMENTA, LIMITADA

GUIMARÃES — PORTUGAL

FÁBRICAS E ARMAZÉNS DE LANIFÍCIOS
E FIBRAS ARTIFICIAIS

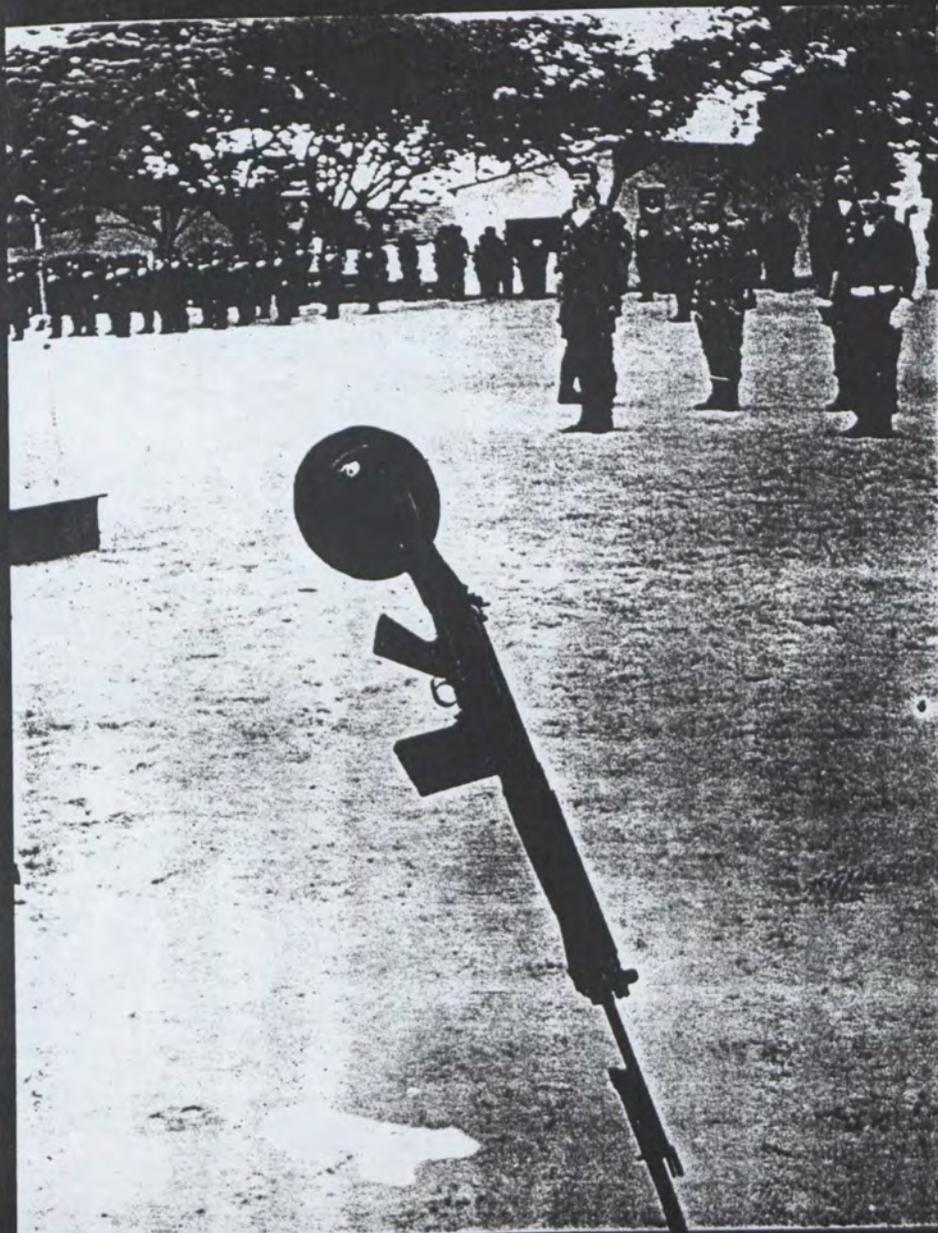
RUA DE PAIO GALVÃO

TELEF. P. P. C. 40181 - 40182 (2 LINHAS)

Apartado n.º 20

Telegramas JOVAZ

NO CAMPO DA HONRA
E EM DEFESA DA PÁTRIA
CAÍRAM...



Fur. Mil. Comando
MIRA LOPES
da 36. C. C.

MORRERAM
POR ANGOLA, PELOS COMANDOS!

SE

Se Souberes estar sereno quando todos em volta
Estão perdendo a cabeça e te lançam a culpa,
Se estiveres confiante quando de ti duvidam,
mas souberes desculpar que duvidem de ti,
Se fores capaz de esperar sem perder a paciência,
e se, caluniado, a ninguém calunias;
Se quando te odiarem não odiares também,
sem querer ser superior nem parecer bom demais;

X

Se tu souberes sonhar e não viver de sonhos
e se souberes pensar mas sem deixar de agir,
E puderes defrontar o Triunfo e o Desastre,
tratando-se por igual como impostores que são;
Se suportares ouvir verdades que disseste
torcidas por velhacos para convencer ingénuos;
Se vires desfeito aquilo para que tens vivido
e o construíres de novo com ferramentas gastas;

X

Se és capaz de juntar tudo que tiveres ganho
para tudo arriscar numa cartada só,
E se souberes perder e começar de novo
sem palavra dizer da perda que sofreste;
Se consegues que nervos, braços e coração
te vão servindo sempre mesmo que já exaustos,
E se seguires para a frente quando já não tens nada
a não ser a vontade intensa de viver!

X

Se com falar às massas não perderes a virtude
e de privar com Reis não deixares de ser simples;
Se amigo ou inimigo não puder melindrar-te;
se a todos deres valor mas a ninguém demais;
Se souberes preencher o minuto que passa
com sessenta segundos utilmente vividos;
É tua a Terra inteira e tudo que ela tem
e — o que é mais ainda — és um Homem, meu filho!

RUDYARD KIPLING

Tradução de: VASCO LOPES ALVES.